

Uma intérprete do cangaço: Maria Christina Russi da Matta Machado

[An interpreter of the cangaço: Maria Christina Russi da Matta Machado]

Luiz Bernardo Pericás¹

RESUMO • Este artigo discute panoramicamente a vida, a atuação acadêmica e a produção intelectual de Maria Christina Russi da Matta Machado, aluna de doutorado da Universidade de São Paulo e autora de *As táticas de guerra dos cangaceiros* (1969), livro publicado em plena ditadura militar, que teve considerável repercussão na época, especialmente entre os militantes de esquerda do país. • **PALAVRAS-CHAVE** • Maria Christina Russi da Matta Machado; cangaço; Nordeste brasileiro; Lampião;

banditismo rural. • **ABSTRACT** • This article discusses the life, academic performance and intellectual production of Maria Christina Russi da Matta Machado, doctoral student of the University of Sao Paulo and author of “As táticas de guerra dos cangaceiros” (1969), a book published in full military dictatorship, which had considerable repercussions at the time, especially among the left-wing militants of the country. • **KEYWORDS** • Maria Christina Russi da Matta Machado; cangaço; Brazilian Northeast; Lampião; rural banditry.

Recebido em 5 de março de 2018

Aprovado em 19 de fevereiro de 2019

PERICÁS, Luiz Bernardo. Uma intérprete do cangaço: Maria Christina Russi da Matta Machado. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 72, p. 200-210, abr. 2019.



DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi72p200-210>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Em 18 de setembro de 1970, Joaquim Câmara Ferreira, membro histórico do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e na época dirigente da Ação Libertadora Nacional (ALN), aconselhava, numa carta a militantes de sua organização, que eles lessem dois livros que considerava importantes para sua formação naquele momento. O primeiro deles era *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O outro, *As táticas de guerra dos cangaceiros*, escrito pela jovem pesquisadora Maria Christina Russi da Matta Machado. Não custa lembrar que o próprio Marighella dava grande valor ao estudo da gesta lampiônica e achava fundamental compreender a dinâmica das atividades dos afamados bandoleiros sertanejos nordestinos. “Temos que ser como Lampião”, disse em certo momento o inimigo número um da ditadura. A forma como atuava Virgulino Ferreira e a longevidade de suas ações, portanto, certamente interessavam muito ao fundador da ALN, assim como ao seu sucessor no grupo (MAGALHÃES, 2012, p. 396; MAGALHÃES, 2015)².

A obra de Machado, publicada no Rio de Janeiro em 1969, pela Editora Laemmert – na época dirigida pelo então jornalista e ideólogo da Organização Marxista Revolucionária (ORM), conhecida como Política Operária (Polop), Luiz Alberto Moniz Bandeira –, de fato, teria grande repercussão. Basta recordar que, quando o autor de *O caminho da revolução brasileira* foi preso, o comandante da Marinha que o interrogou no Centro de Informações da Marinha (Cenimar) chegou, inclusive, a mencionar o livro de Machado. Apesar de tudo, na ocasião, o texto polêmico não seria apreendido pelos militares (MONIZ BANDEIRA, 2010).

A Laemmert havia lançado no período obras emblemáticas, como *A questão agrária*, de Karl Kautsky, *Da Noruega ao México* e *Revolução e contra-revolução*, de León Trótsky, *Poemas do cárcere* e *A resistência do Vietnã*, de Ho Chi Minh, *História do socialismo e das lutas sociais*, de Max Beer, e *O imperialismo e a economia mundial*, de Nikolai Bukhárin, entre vários outros. O livro de Christina Matta Machado, incluído na série Cultura Popular, seria mais um nessa lista. E teria destaque. Afinal, na época em que *As táticas de guerra dos cangaceiros* foi editado, o Brasil passava pelo auge da ditadura, com

2 Para Marighella, seria importante criar “pontos de apoio numa espécie de atividade à moda de Lampião, construindo a rede de coiteiros camponeses e a rede camponesa de informações para os revolucionários”. Ver citação de Marighella no artigo de Antônio Câmara (1999, p. 283).

perseguições, prisões e torturas de militantes de esquerda se tornando algo cada vez mais comum. E com a luta revolucionária se mostrando como única alternativa para diferentes grupos que apoiavam a resistência armada ao regime militar.

Nascida em 9 de fevereiro de 1938, em São Paulo, filha de Max Barbosa da Matta Machado e Adalgysa Russi da Matta Machado, Maria Christina Russi da Matta Machado concluiria o ginásio no Colégio Rio Branco, em 1954, e o curso clássico no Instituto Mackenzie, cinco anos mais tarde. A jovem estudante se licenciou em história pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica (PUC) paulista (onde havia sido diretora de seu Centro Acadêmico) em 17 de dezembro de 1963, conseguindo, dois anos depois, uma bolsa de estudos obtida através do Serviço de Ensino Vocacional (SEV) de São Paulo, promovido pelo Ministério da Educação Federal, com o objetivo de treinar professores para a renovação do ensino secundário. Ainda atuaria como membro da equipe de educação de base do Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD) – nesse sentido, em 1965 participou do Seminário Nacional de Estudos do Problema Favela, organizado por essa entidade – e chegou a se matricular, em 1968, na Escola de Sociologia e Política (MACHADO, 1963a).

Em última instância, daria continuidade a seus estudos na Universidade de São Paulo (USP), onde ingressaria na pós-graduação, tendo como orientador de doutorado, inicialmente, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, de quem também foi aluna. Seria dispensada pelo eminente intelectual, segundo o próprio, por ele ter solicitado e obtido sua aposentadoria³ – outra versão, contudo, indica a mudança de tutor após ela ter se desentendido com o autor de *Raízes do Brasil* por desacordos sobre sua interpretação do tema (PAULA, 1973, p. 139-141). Por causa disso, acabaria sendo orientada pelo professor Eurípedes Simões de Paula e prepararia a tese *Cangaço: aspectos socioeconômicos*, que mais tarde recebeu o título *Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro*⁴. O prazo final para a sua entrega na secretaria seria 31 de agosto de 1972, ainda que o trabalho, ao que tudo indica, estivesse bem adiantado. Ou seja, ela possivelmente depositaria o material antes da data exigida pela burocracia acadêmica (é provável que fizesse isso no ano anterior ao solicitado) (OFÍCIO/CIRCULAR, 1972). Já tinha uma banca montada informalmente, que seria

3 Sérgio Buarque de Holanda (1969) diria: “Tendo solicitado e obtido aposentadoria devolvo o presente processo a fim de ser o mesmo encaminhado a outro professor. Cumpre-me acrescentar que a interessada já concluiu sua pós-graduação, achando-se assim dispensada das matérias subsidiárias”. Ver carta de Sérgio Buarque de Holanda para o secretário-substituto da pós-graduação Eduardo Marques da Silva Ayrosa, São Paulo, 25 de julho de 1969, com carimbo de recebimento em 19 de agosto de 1969. Segundo Antonio Candido (2008, p. 31), “em 1969, quando foram aposentados arbitrariamente alguns colegas da nossa Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, como já tinha tempo suficiente de serviço ele se aposentou, num gesto de protesto e solidariedade”.

4 Eurípedes Simões de Paula (1963) comentaria que “com a aposentadoria do professor doutor Sérgio Buarque de Holanda, atendendo a pedido da interessada, passei a orientar os trabalhos de doutoramento da Sra. Maria Christina Matta Machado que prepara tese sobre o tema *Cangaço: aspectos socioeconômicos*”. O processo foi aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1970, quando ela se tornou oficialmente orientanda do professor Eurípedes Simões de Paula (PAULA, 1963).

composta por Ruy Galvão de Andrada Coelho⁵, Pasquale Petrone⁶, Carlos Guilherme Mota⁷ e Sebastião Witter⁸. Todos haviam se comprometido, extraoficialmente, a participar da arguição da candidata⁹. Mas isso nunca chegou a ocorrer. Afinal, ela daria seu último suspiro na madrugada do dia 23 de outubro de 1971, dentro de seu próprio quarto, no apartamento em que morava com os pais, na Avenida Paulista, na capital do estado. A causa: edema agudo do pulmão, insuficiência cardíaca, leucemia e anemia. Machado planejava se casar um dia após sua defesa na USP e partiria, em seguida, para a França, onde faria um segundo doutorado na Universidade de Paris (com uma bolsa concedida pelo governo daquele país). O projeto era ficar na Europa até o fim de outubro de 1972, onde seria orientada por Frédéric Mauro. Sua trajetória, interrompida abruptamente, portanto, impediu que desenvolvesse seus estudos e impossibilitou que pudesse sofisticar ou mesmo reavaliar os argumentos apresentados em seu livro de juventude (PAULA, 1973).

Mesmo seu derradeiro trabalho acadêmico poderia ter sido modificado e aprofundado. Afinal, o professor Simões de Paula aparentemente discutiu com a estudiosa vários aspectos do texto, seu método, fontes e bibliografia, todos elementos que não foram incorporados em suas páginas finais, por não ter havido tempo (PAULA, 1973). Além disso, o trabalho deixado, ainda em fase de desenvolvimento, foi revisado por seu pai (um advogado aposentado), que não conhecia o assunto. O esforço do progenitor certamente foi louvável, mas não impediu que restassem diversos erros na versão final (problemas que ocorreram também em seu livro e que passaram despercebidos pela própria autora e pelos revisores da Laemmert e da Editora Brasiliense, que publicaria uma nova edição do livro em 1978).

É verdade que Machado havia feito, por quatro anos, uma extensa pesquisa de campo, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Teria percorrido, acompanhada da mãe, quase uma centena de localidades

5 Formado em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, estudou Antropologia na Northwestern University (Estados Unidos), trabalhou na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, Paris) e, quando retornou ao Brasil, foi nomeado assistente da cadeira de Sociologia I na USP (1963-1969). Na época em que Christina Matta Machado defenderia a tese, segundo Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, ele era professor titular de Sociologia.

6 Professor titular emérito do Departamento de Geografia da USP. Em 1965 tornou-se livre-docente de Geografia Humana e, a partir de 1974, professor titular.

7 Formado em História na USP em 1963, livre-docente em 1975, na época em que seu nome foi sugerido para a banca de Christina Matta Machado, era professor doutor assistente em História Moderna e Contemporânea na mesma universidade.

8 Com formação em História pela Universidade de São Paulo, na graduação foi aluno de Eurípedes Simões de Paula. No mestrado e doutorado foi orientado por Sérgio Buarque de Holanda, de quem se tornaria, depois, assistente de cátedra. Era professor doutor assistente em História do Brasil à época do convite para integrar a banca. Ao longo da vida, teve atuação importante em diferentes instituições, como o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), Museu Paulista e Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre outras.

9 Segundo Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, para a suplência da banca foram aventados os nomes dos professores Fernando d'Albuquerque Mourão e Odilon Nogueira de Matos. Ver: Paula, 1973, p. 141.

nordestinas por onde passou Lampião, gravou muitas entrevistas com ex-cangaceiros e acumulou um vasto material de arquivo sobre o tema¹⁰. A jovem doutoranda chegou a possuir uma quantidade significativa de livros, caixas de microfimes, fichamentos, fitas cassete e recortes de jornal ligados à sua investigação.

Como resultado parcial de seus esforços, escreveu, nos tempos de estudante, “Nordeste da seca não é Nordeste da miséria”, “O sertanejo tem no sangue a liberdade” (monografia preparada para o curso de Literatura Brasileira, no qual esteve inscrita em 1966), “Visão geral do Nordeste”, “O sertão não progrediu” e dois trabalhos baseados na disciplina ministrada por Sérgio Buarque, “Canudos e a política de Antônio Conselheiro” e “A política dos coronéis”. Entre 1966 e 1967, ela participaria de seminários do eminente escritor, que ocupava a cadeira de História da Civilização Brasileira (MACHADO, 1963b).

Chegou a publicar os artigos “Aos que se comunicam” e “Aqui ali mulher” no *Diário de S. Paulo*, ambos em 1967, e “Memórias do cangaço”, no *Jornal da Tarde*, no mesmo ano. Havia ainda preparado “Classes sociais no meio rural” para a *Revista de Sociologia* (MACHADO, 1963b). Em *Realidade*, em 1968, sairia uma entrevista com Dadá, a mulher de Corisco (MACHADO, 1968), assim como, no ano seguinte e na mesma revista, a reportagem “A vida depois do cangaço” (juntamente com seu noivo, o jornalista Humberto Mesquita, com fotos de Jorge Bodanzky), na qual mostrava o reencontro de antigos bandoleiros do grupo de Virgulino Ferreira que haviam sobrevivido à tragédia da Grota do Angico (Zé Sereno, Sila, Marinheiro e Criança) com o soldado da volante Adriano Ferreira de Andrade em um restaurante de São Paulo, em um almoço promovido pela própria pesquisadora (MACHADO; MESQUITA, 1968)¹¹ (duas outras matérias para a mesma publicação, “O último dos místicos” e “Lampião”, foram preparadas, segundo a autora). Em 1969 lançaria também seu *As táticas de guerra dos cangaceiros*. E entre 1973 e 1974, finalmente, os capítulos de sua tese *Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro* (MACHADO, 1973a; 1973b; 1973c; 1974a, 1974c)¹² seriam publicados postumamente em cinco partes, em diferentes edições da

10 Christina Matta Machado realizou muitas “viagens culturais” naquele período. Em 1960, foi ao Rio de Janeiro; no ano seguinte, a cidades históricas mineiras e a Brasília; em 1963, percorreu Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas; em 1964, foi para o Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e Chile; um ano mais tarde, esteve no Paraná e Paraguai; e em 1965, percorreu países da Europa. Ela afirmava que havia feito uma excursão cultural visando pesquisa histórica socioeconômica sobre o cangaço, orientada por Sérgio Buarque de Holanda, em 1967, pela Bahia (Salvador, Feira de Santana, Camaçari e Mata de S. João) e, em 1968, pelos sertões da Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco, viagens que teriam abarcado 34 cidades (MACHADO, 1963b).

11 A reunião dos cangaceiros em São Paulo ocorreu em 1968.

12 Vale notar que na primeira parte, publicada no número 93 da revista *Realidade*, a autora é apresentada como “Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (MACHADO, 1973a). No número 95, no qual apareceu a segunda parte do seu texto, ela já era designada como “Pós-graduada em Ciências (História) pela Universidade de São Paulo” (MACHADO, 1973b), forma como foi introduzida até a parte quatro de sua tese no número 97 da revista (MACHADO, 1974a). Na última parte, a conclusão da tese, publicada no número 99 daquele periódico, ela voltou a ser apresentada como “licenciada” em História pela PUC (MACHADO, 1974c).

Revista de História, obra que, em seu conjunto, foi considerada por Melquíades Pinto Paiva como um “importante estudo de natureza sociológica” (PAIVA, 2012, p. 223). Não custa lembrar que aquele era um período de bastante interesse pelo cangaço, com periódicos como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro*, *Diário de Notícias*, *Fatos e Fotos*, *Manchete e Realidade* levando à luz entrevistas e matérias investigativas sobre o assunto, escritas por nomes conhecidos como Oswaldo Amorim, Jorge Audi e Nonnato Masson, entre outros (AMORIM, 1969; AUDI, 1968; MASSON, 1961; NOBLAT, 1972; 1973; SILVA, 1970).

A tese de Christina Matta Machado se destaca, especialmente, pelos depoimentos de cangaceiros, coiteiros, volantes e políticos, personalidades como Dadá, Saracura, Labareda, Zé Sereno, Zé Rufino, Sila, João Siqueira, Balão, Eustáquio Jovino Ribeiro, Luiz Caldeirão e João Bezerra, entre outros. Ou seja, a autora dá voz aos personagens. O recurso da história oral é, portanto, um elemento fundamental em seu trabalho. Também inclui trechos de matérias jornalísticas da época, mostrando o papel da imprensa na difusão da informação e na construção da imagem dos cangaceiros.

O caráter irredentista do cangaço, por sua vez, é bastante desenvolvido por ela. A parte IV da tese, que discute aspectos culturais do sertão, como os valores dos bandoleiros, suas formas de convivência, o comportamento da mulher, a questão do machismo, o misticismo, as superstições, as credences e os padrões de honestidade, talvez seja a melhor do conjunto da obra, que alterna momentos favoráveis com outros de menor rigor metodológico.

Ainda assim, é possível apontar diversos problemas no trabalho. É certo que ela utiliza autores clássicos em sua tese, como Caio Prado Júnior, Oliveira Viana, Nelson Werneck Sodré, Vitor Nunes Leal, Marcos Villaça, Roberto C. de Albuquerque, Walfrido Moraes, José Américo de Almeida, L. A. Costa Pinto, Wilson Lins, Ulisses Lins de Albuquerque, Raimundo Nonato, Estácio de Lima, Optato Gueiros, Josué de Castro, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ranulpho Prata, Gustavo Barroso, Eric Hobsbawm e Rui Facó. Ainda assim, a bibliografia é insuficiente e usada de forma instrumental¹³.

A metodologia aplicada às entrevistas também é bastante frágil. A autora realizou arguições com um número limitado de indivíduos, classificando-os à sua maneira e extraíndo conclusões peremptórias de amostragens aleatórias e exclusivistas¹⁴. Os números apresentados e as porcentagens não convencem os pesquisadores mais exigentes. O verniz cientificista, portanto, não se sustenta nesse caso (exemplos claros disso podem ser encontrados no capítulo “Coronel e seca” ou no “Anexo I”, por exemplo). Além disso, a tendência a ver o mundo de forma maniqueísta, com poucos

13 Os livros utilizados pela autora se encontram citados nas notas de rodapé de seu trabalho. Não há, contudo, uma lista bibliográfica formal ao final da tese, com maiores detalhes sobre o local, editora e ano de publicação das obras consultadas.

14 Segundo a autora, foram coletados dados na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Bahia, Sergipe e Alagoas, a partir de entrevistas gravadas e questionários. Ela própria admitiria que os dados eram mais indicativos do que conclusivos; que a faixa era numericamente limitada; que a pesquisa era limitada no tempo (ou seja, não se poderia provar que o período analisado fosse o mais representativo do cangaço); e que os entrevistados já estavam distante no tempo dos fatos ocorridos, entre outros fatores.

matizes, pode ser encontrada em profusão nos trabalhos da estudiosa, assim como algumas contradições na narrativa, como no trecho em que afirma:

Provavelmente a partir de 1930, com a desintegração das antigas oligarquias, os jagunços procuraram o cangaço como forma de defesa, uma vez que seus antigos protetores já não possuíam o mesmo prestígio.

Desta forma, o *cangaço aumentou* com todos esses elementos perseguidos, mas enfraqueceu-se em seus princípios e normas.

Percebemos, na década de 30, o início da *desintegração* do movimento. (MACHADO, 1973b, p. 187 – grifos nossos).

É possível notar a influência de Eric Hobsbawm (*Rebeldes primitivos*, 1959)¹⁵ assim como do livro *Cangaceiros e fanáticos*, do jornalista Rui Facó (1963a)¹⁶. Mas, se o intelectual pecebista realizava seus estudos a partir de uma perspectiva político-partidária, a pesquisadora da USP analisaria o fenômeno de um ponto de vista acadêmico. Ou seja, a obra de Machado é claramente um reflexo de sua época, traduzindo para o meio universitário uma discussão candente no ambiente político da esquerda brasileira.

Um dos depoimentos incluídos na tese é emblemático. Um entrevistado da jovem pesquisadora diria: “Lampião tinha qualquer coisa de extraordinário – era sua tática de guerrilha. Quando Mao Tsé-tung fazia guerrilha no remoto Oriente, Lampião o fazia aqui no Brasil muito melhor” (MACHADO, 1974a, p. 179)¹⁷. Em outro momento, ela chegaria a afirmar que os cangaceiros “não roubavam dos pobres, e, muitas vezes, o produto do furto, efetuado contra os ricos, era distribuído com o povo” (MACHADO, 1974a, p. 195). Um argumento típico da interpretação de esquerda da época, mas que não corresponde necessariamente à realidade...

A pequena obra da autora certamente tem importância, ainda que esteja intrinsecamente ligada ao momento histórico em que foi produzida. Mas, se ela tem o mérito de ter sido pioneira nesse sentido, é difícil dizer que suas elaborações tenham resistido ao tempo.

O caso de *As táticas de guerra dos cangaceiros* é emblemático. É certo que houve quem admirasse tal estudo. A antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros chegou a dizer que aquele seria “um dos mais interessantes livros sobre a história de Lampião [...] pela riqueza de informações sobre o cotidiano do cangaço”, destacando a “beleza da narrativa” (BARROS, 2007, p. 81). O fato de ter sido orientada na USP por dois renomados professores, de acordo com Barros, tornava aquele “trabalho obrigatório para quem estuda este tema” (BARROS, 2007, p. 81).

A mesma admiração tinha Expedita Ferreira Nunes, filha do “rei dos cangaceiros”.

15 O livro de Machado, *As táticas de guerra dos cangaceiros*, foi publicado em 1969, mesmo ano em que a obra de Eric Hobsbawm, *Bandidos*, foi editada.

16 A questão do cangaço seria discutida por Facó e outros autores ligados ao PCB no periódico *Novos Rumos*, órgão do partido. Ver: “*Cangaceiros e fanáticos*, novo livro de Rui Facó”, 1963; Facó, 1962a; 1960. Para mais informações sobre a trajetória de Rui Facó, ver: Pinheiro, 2014.

17 Ver depoimento de Joaquim Góes, julho de 1969 (MACHADO, 1974a, p. 179).

Foi Christina Matta Machado que possibilitou a ida de Expedita a São Paulo para conhecer a ex-bandleira Sila, que morava na cidade. Este, um dos papéis desempenhados pela jovem estudante de doutorado: colocava em contato indivíduos ligados a Lampião ou a seu grupo, em recepções organizadas por ela. De acordo com Expedita, foi Machado que a fez ver “melhor” seus pais e a enxergá-los de uma maneira diferente daquela apresentada por outros escritores. Teria sido por causa da historiadora que deixou de ter vergonha deles. O livro da autora paulista, portanto, era o de que mais gostava dentre todos que havia lido (SOUZA; ORRICO, 1984, p. 116-117).

A própria Sila escreveria sobre sua experiência no cangaço e incluiria Maria Christina nos agradecimentos de uma de suas obras (SOUZA; ORRICO, 1984, p. 116-117). A intimidade da pesquisadora uspiana com Sila era tal que ela se tornou madrinha de casamento de uma das filhas da ex-cangaceira, numa cerimônia lotada, que contou até mesmo com a presença de uma equipe de televisão para registrar o acontecimento (SOUZA, 1995, p. 82).

Ainda assim, houve aqueles que apontaram uma diversidade de problemas sérios na obra. Possivelmente o principal deles tenha sido Frederico Pernambucano de Mello (um dos mais importantes pesquisadores do cangaço). Para ele, o livro de Machado estava “eivado de erros imperdoáveis, além de não conter em suas páginas nada que diga respeito ao título” (MELLO, 2004, p. 156).

No livro é possível encontrar, assim como na tese, uma bibliografia que abarcava autores conhecidos e fundamentais para o desenvolvimento do tema, como André João Antonil, Capistrano de Abreu, Manuel Correia de Andrade, Roger Bastide, Eduardo Barbosa, Antônio Callado, Euclides da Cunha, J. Pandiá Calógeras, Luís da Câmara Cascudo, Rodrigues de Carvalho, Paulo Dantas, Celso Furtado, Gilberto Freyre, José Alípio Goulart, Leonardo Mota, Walfrido de Moraes, Edmar Morel, Graciliano Ramos, Franklin Távora e Luís Viana, entre muitos outros. A pesquisa hemerográfica, por sua vez, incluía periódicos nordestinos do auge do cangaço, como *A Tarde e Diário de Notícias* (Salvador), *Correio de Alagoas* e os sergipanos *Correio de Aracaju*, *A República* e *A Gazeta*. Além disso, também utilizou anotações da disciplina de pós-graduação “Cangaço na realidade brasileira”, da Cadeira de Literatura Brasileira, que ela cursou na USP, em 1966, trabalhando as informações da monografia do professor Bernardo Issler. Em outras palavras, ela possuía bom material para construir sua análise. Ainda assim, o resultado ficou bem distante do ideal.

O livro tem como características principais, portanto, o viés narrativo e factual, a tentativa de reproduzir a linguagem e os diálogos locais, e a preocupação com os aspectos estratégicos, táticos e militares dos cangaceiros (principalmente no capítulo “Tática de luta”), reforçando a imagem daqueles *brigands* como algo semelhante aos “bandidos sociais”¹⁸ (ainda que não utilizasse explicitamente o termo em suas páginas). Tanto as notas de referência como as explicativas são elaboradas, em geral, de maneira bastante displicente, com pouca preocupação com os detalhes bibliográficos ou indicação de datas e locais onde colheu os depoimentos e relatos dos entrevistados. Por sua vez, na terminologia aplicada pela autora, sem maior rigor, palavras e conceitos como “estilo medieval”, “regime puramente feudal” (no

18 Para uma crítica à teoria do banditismo social, ver: Pericás, 2010b; 2010a; 2011; 2015.

período colonial), “camponês” (para designar os sertanejos nordestinos)¹⁹ e mesmo “movimento armado contra a injustiça” (MACHADO, 1969, p. 203) para descrever o cangaço (ela classifica a modalidade de “fenômeno” em outro momento do livro) são usados pela pesquisadora, que até mesmo fala sobre uma “estratégia do coronelismo e seus mercenários”.

Na tese, ela afirmaria que “o cangaceiro é um *herói* que se rebela contra uma perseguição injusta da polícia” (MACHADO, 1973b, p. 196 – grifos nossos). Algo similar é dito no livro publicado pela Laemmert, dessa vez sobre Lampião (figura central de seu trabalho), que para ela havia sido “o anjo da guarda dos pobres”! (MACHADO, 1969, p. 68). Afinal de contas, ele “não foi o flagelo do sertão, mas o flagelo dos coronéis” (MACHADO, 1969, p. 207).

A autora naturaliza, de forma determinista, os traços psicológicos de indivíduos e grupos humanos. Já no início da obra, ela afirma que “os cangaceiros nunca foram entendidos, porque jamais foram pesquisados” (MACHADO, 1969, p. 9), negligenciando uma série de estudos importantes realizados sobre o fenômeno (com diferentes graus de qualidade, profundidade e sofisticação, por certo) ao longo de vários lustros antes da publicação de seu livro. Afinal, seja qual for a opinião do estudioso (e seu perfil político e ideológico), não se pode desconsiderar os trabalhos de autores como Estácio de Lima, Luiz Luna, Leonardo Mota, Antonio Xavier de Oliveira, Pedro Baptista, Optato Gueiros, Abelardo Montenegro, Walfrido Moraes, Abelardo Parreira e Ranulpho Prata, entre tantos outros, muitos dos quais, por sinal, ela conhecia e havia utilizado em seus textos. Também no começo do livro, ela diria, em relação à mentalidade dos portugueses, que “quando vieram para o Brasil [no período colonial], trouxeram sua arrogância de grandes senhores” (MACHADO, 1969, p. 14). Ao final, por sua vez, depois de afirmar que “o sertão talvez progredisse, porque o elemento humano é bom e trabalhador, possuindo energia suficiente para lutar por seus direitos, por sua terra e família” (MACHADO, 1969, p. 203), a pesquisadora paulista conclui: “A verdade é que o coronel de ontem é o mesmo de hoje, com a mesma mentalidade medieval, com os mesmos costumes, e acreditando ainda na sua prepotência, com o mesmo orgulho, e representando o maior entrave para o desenvolvimento social, econômico e político do Nordeste” (MACHADO, 1969, p. 208). A resolução dos problemas regionais, contudo, é deixada em aberto...

Mesmo que hoje o nome de Christina Matta Machado seja pouco lembrado pelo grande público, ela produziu um dos livros de bolso dos guerrilheiros na época da ditadura militar e foi lida com grande interesse por toda uma geração de jovens no início dos anos setenta do século passado²⁰. Seus trabalhos, apesar de todas as limitações, continuam emblemáticos e ainda são usados como referência bibliográfica pelos estudiosos do cangaço na atualidade.

19 Um termo, por sinal, muito utilizado por outros autores da época. Ver, por exemplo: Facó, 1963b.

20 A primeira e única nota biográfica mais detalhada sobre a pesquisadora foi preparada pela professora Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, doutora em História Social, docente da Universidade de São Paulo e segunda esposa do historiador Eurípedes Simões de Paula, que foi o orientador de Maria Christina Matta Machado, assim como várias vezes diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e vice-reitor da USP. Ver: Paula, 1973.

SOBRE O AUTOR

LUIZ BERNARDO PERICÁS é professor de História Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e autor de, entre outros, *Caio Prado Júnior: uma biografia política* (Boitempo, Troféu Juca Pato – intelectual do ano, 2016).
E-mail: lbpericas@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8201-1181>

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Oswaldo. O homem que chefiou Lampião. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25-27 de fevereiro de 1969.
- AUDI, Jorge. Eu sou o Labareda de Lampião. *O Cruzeiro*, 19 de outubro de 1968, p. 13.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e nazarenos guerreando no sertão*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CÂMARA, Antônio. O PCB, Marighella e a questão agrária brasileira. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (Org.). *Carlos Marighella, o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 273-288.
- CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 29-36.
- CANGACEIROS e fanáticos, novo livro de Rui Facó. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, ano V, n. 213, 22 a 28 de março de 1963, p. 5.
- FACÓ, Rui. Cangaceiros. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, ano II, n. 85, 14 a 20 de outubro de 1960, p. 5.
- _____. *Serrote Preto* ou feitos de Lampião. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 171, 25 a 31 de maio de 1962, p. 5.
- _____. *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963a.
- _____. Movimento camponês 62: fortalecimento e consolidação. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 11 a 17 de janeiro, 1963b.
- HOBBSAWM, Eric. *Primitive rebels: studies in archaic forms of social movement in the 19th and 20th centuries*. Manchester: Manchester University Press, 1959.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta para o secretário-substituto da pós-graduação Eduardo Marques da Silva Ayrosa, São Paulo, 25 de julho de 1969, com carimbo de recebimento em 19 de agosto de 1969. In: Pasta de Maria Christina Russi da Matta Machado, administração, FFLCH/USP.
- MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. Processo 1428, Protocolo 006142-2 de outubro, 1963a, Proc. n. 1428/68, Setor de Pós-Graduação em História, USP. In: Pasta de Maria Christina Russi da Matta Machado, administração, FFLCH/USP.
- _____. Curriculum Vitae. Processo 1428, Protocolo 006142-2 de outubro, 1963b, Proc. n. 1428/68, Setor de Pós-Graduação em História, USP. In: Pasta de Maria Christina Russi da Matta Machado, administração, FFLCH/USP.
- _____. Eu não queria matar Corisco. *Realidade*, Rio de Janeiro, outubro de 1968.
- _____. *As táticas de guerra dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

- _____. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (I). *Revista de História*, n. 93, São Paulo, 1973a, p. 139-175.
- _____. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (II). *Revista de História*, n. 95, São Paulo, 1973b, p. 177-212.
- _____. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (III). *Revista de História*, n. 96, São Paulo, 1973c, p. 473-489.
- _____. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (IV). *Revista de História*, n. 97, São Paulo, 1974a, p. 161-200.
- _____. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (V). *Revista de História*, n. 99, São Paulo, 1974b, p. 145-174.
- _____; MESQUITA, H. A vida depois do cangaço. *Realidade*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, janeiro de 1969. Disponível em: <<http://meneleu.blogspot.com.br/2016/02/a-vida-depois-do-cangaco.html>>. Acesso em: jan. 2019.
- MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. Correspondência com Luiz Bernardo Pericás, abril de 2015.
- MASSON, Nonnato. A aventura sangrenta do cangaço. *Fatos e Fotos*, 20 e 27 de outubro, 3, 10, 17 e 24 de novembro, 1 e 8 de dezembro de 1961.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2004.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Depoimento a Luiz Bernardo Pericás, janeiro de 2010.
- NOBLAT, Ricardo. Lâmpião morreu envenenado. *Manchete*, 29 de abril de 1972, p. 154-157.
- _____. Memórias de Balão, um velho cangaceiro. *Realidade*, novembro de 1973, p. 45-47.
- OFÍCIO/CIRCULAR/36/72. In: Pasta de Maria Christina Russi da Matta Machado, administração, FFLCH/USP.
- PAIVA, Melquíades Pinto. *Cangaço: uma ampla bibliografia comentada*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- PAULA, Eurípedes Simões de. Carta a Eduardo Marques da Silva Ayrosa, São Paulo, 8 de junho de 1970, Processo 1.428, Protocolo 006142-2 de outubro de 1963, Proc. n. 1428/68, Setor de Pós-Graduação em História, USP. Processo aprovado pela Congregação em 16 de junho de 1970. In: Pasta de Maria Christina Russi da Matta Machado, administração, FFLCH/USP.
- PAULA, Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de. Nota. In: MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste brasileiro (I). *Revista de História*, n. 93, São Paulo, Brasil, 1973, p. 139-141.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. A era do couro. Entrevista ao jornalista Carlos Marcelo. *Correio Braziliense*, Caderno Pensar, Brasília, 14 de agosto, 2010a, p. 4-5.
- _____. Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010b.
- _____. O cangaço desmistificado. Entrevista ao jornalista Aldo Gama. *Brasil de Fato*, São Paulo, 7 a 13 de abril de 2011, p. 8.
- _____. Cangaço e “banditismo social”: breves considerações. *Ruris, revista do Centro de Estudos Rurais da Unicamp*, v. 9, n. 2, 2015, p. 45-61.
- _____; SECCO, Lincoln (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PINHEIRO, Milton. Rui Facó. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (Org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 117-127.
- SILVA, Alberto. O filme no cangaço. *Filme e Cultura*, novembro/dezembro de 1970, p. 42-49.
- SOUZA, Ilda “Sila” Ribeiro de. *Sila: memórias de guerra e paz*. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1995.
- _____; ORRICO, Israel “Zai” Araújo. *Sila: uma cangaceira de Lâmpião*. São Paulo: Traço Editora, 1984.